O GRANDE MENTIROSO: TRADIÇÃO, VERACIDADE E IMAGINAÇÃO EM HISTÓRIA ORAL

Janaína AMADO[1]

RESUMO: Com base na análise de uma entrevista, o texto explora a questão da mentira na história oral. Defende a idéia de que depoimentos desprezados por historiadores por serem "mentirosos" - isto é, por não promoverem reconstituições históricas fidedignas dos fatos pesquisados - podem conter dimensões simbólicas extremamente importantes. O exemplo utilizado demonstra como tradição, imaginação e cultura erudita e popular combinaram-se para produzir um depoimento "mentiroso" que, entretanto, se revelou o mais rico e fértil para a análise histórica.

PALAVRAS-CHAVE: História oral; memória; relações história-ficção.

Uma entrevista sensacional

Ao realizar, há anos, pesquisa sobre a Revolta do Formoso, importante movimento social de posseiros ocorrido no Estado de Goiás, durante as décadas de 1950 e 1960, iniciei a fase de depoimentos orais com uma entrevista que me pareceu sensacional. Fernandes,[2] o entrevistado, nunca ocupara posição de destaque no movimento, porém o conhecia profundamente: natural da região - o imenso município de Uruaçu, situado no meio-norte do então Estado de Goiás -, Fernandes participara, de um modo ou de outro, de todas as fases do conflito, estabelecendo relações com muitos dos envolvidos, fossem posseiros, grileiros, advogados, políticos, comerciantes, policiais ou membros do Partido Comunista, da Igreja Católica e da população local.

1 Departamento de História - Universidade de Brasília - 70910-900 - Brasília - DF. 2 Trata-se de pseudônimo; o informante pediu que não fosse identificado. A entrevista, da qual foram retirados todos os trechos citados neste trabalho, realizou-se no ano de 1979. Para informações e análises históricas sobre a Revolta do Formoso, consultar: ABREU, S. *A Guerrilha do Zé Porfirio.* Brasília: Goethe, 1985; AMADO, J. Eu quero ser uma pessoa: revolta camponesa e política no Brasil. *Resgate,* n.5,1993. p.47-69; CARNEIRO, M. E. *A revolta camponesa de Formoso e Trombas.* Goiânia: Cegraf, 1981.

O mais importante era que Fernandes se mostrava disposto a falar. Nascido no início da década de 1920, na área rural de Uruaçu, na qual passara infância e adolescência, membro de uma família de certo prestígio local, Fernandes mudara-se para Goiânia na década de 1940, com o intuito de cursar o ginásio. Abandonara os estudos para filiar-se, em 1945, ao Partido Comunista, no qual permanecera durante décadas, sempre em Goiás, como modesto militante, sem jamais alcançar posições destacadas na hierarquia partidária. À época da entrevista, já homem de meia-idade, continuava emocionalmente muito ligado à terra natal, que visitava com freqüência e à qual se referia com carinho. Ressentia-se da falta de melhor educação formal: "Se eu tivesse estudado mais," - revelou-me, com tristeza - "eu mesmo ia escrever a história dessa revolta. Como não estudei, vou contar a história pra você, pra você escrever ela pros outros". Dividida em três sessões, a entrevista com Fernandes, sem roteiro prévio, durou ao todo 16 horas. Parecia representar tudo o que um historiador poderia desejar de uma primeira entrevista de pesquisa: o informante demonstrou vivência e conhecimento profundos do tema, além de vontade de colaborar com o trabalho; exibiu memória prodigiosa, recordando-se, em minúcias, até de acontecimentos aparentemente sem importância; emitiu sobre todos os temas opiniões firmes, às quais não faltava excelente senso de humor; e se mostrou identificado com a cultura popular, recitando quadrinhas e provérbios, entoando canções, exibindo passos de dança e descrevendo em detalhes vestimentas, etiquetas e costumes da região.

O grande mentiroso

Ao continuar a pesquisa, consultando documentos escritos e entrevistando outras pessoas, tive uma grande surpresa: a maioria das informações prestadas por Fernandes não se confirmava! Seqüências de acontecimentos, nomes de pessoas envolvidas na revolta, descrições dos participantes, datas, quase nada, enfim, do que meu primeiro informante contara, podia ser comprovado; ao contrário, quase tudo podia ser posto em dúvidas ou, simplesmente, negado. Alguns episódios citados por Fernandes realmente haviam acontecido, porém, em outros contextos e épocas. Muitas das pessoas referidas por ele eram reais; as descrições de suas características físicas e morais, porém, assim como dos papéis que elas haviam desempenhado, não coincidiam com os fornecidos por outros informantes e documentos. Fernandes misturara acontecimentos e personagens, entre si e com outros, fictícios ou inexistentes na Revolta do Formoso; embaralhara tempos e espaços, numa formidável demonstração de desprezo pela história e pela geografia: criara trechos longos, aparentemente sem relação com o movimento social, ou com qualquer evento histórico.

Não havia outra conclusão possível-. "Fernandes inventara seu depoimento! Confusa, decepcionada e, principalmente, furiosa, por me haver deixado enganar tão facilmente, engavetei a entrevista do grande mentiroso e não pensei mais nela.

Quixote sertanejo

Ao final da pesquisa, quando já reconstituíra a história da revolta e refletira sobre ela, decidi ouvir novamente o conjunto das fontes orais. Nessa ocasião, reencontrei, em um fundo de gaveta, a entrevista de Fernandes; decidi ouvi-la, não mais para relacioná-la à história do Formoso, mas como uma divertida homenagem ao homem que tão bem soubera me enganar.

O impacto dessa segunda audição foi enorme: ouvida como fonte independente, sem qualquer referência à revolta, a narrativa de Fernandes tornava-se empolgante! Dotada de trama refinada, pontilhada de elementos épicos e farsescos, transitava com facilidade do popular ao erudito, compondo um relato repleto de emoções, cujos personagens vivenciavam aventuras e casos de amor. Eu tinha a impressão, que se transformava em certeza à medida que ouvia a fita, de já conhecer aquela história. Finalmente, percebi ser a narrativa de Fernandes uma recriação do Dom *Quixote de La Mancha,* de Miguel de Cervantes! Recriação sertaneja, mesclando referências literais à obra com aspectos da vida no interior de Goiás durante as décadas de 1930 a 1960, aí incluído o movimento social do Formoso.

A comparação sistemática que realizei, desde então, entre o depoimento oral de Fernandes e o livro O *engenhoso fidalgo Dom Quixote de La Mancha,* de Miguel de Cervantes Saavedra,[3] conduziram-me a algumas conclusões, resumidas a seguir.

Existiam numerosas semelhanças entre a estrutura da narrativa de Cervantes e a de Fernandes. Ambas apresentavam como fio narrativo as aventuras e desventuras de um personagem central - Dom Quixote, no caso de Cervantes; no caso de Fernandes, José Porfírio de Souza, líder da Revolta do Formoso. Ambas começavam relatando a vida pregressa do personagem central, ressaltando-lhe uma característica que se revelaria fundamental no desenrolar da história: a loucura do Quixote e a inconformidade, ou revolta, do lavrador José Porfírio ante a injustiça social da área rural brasileira. A reação de José Porfírio à desigualdade social foi explicitamente comparada à loucura, no relato de Fernandes: "uma coisa esquisita que dava nele, uma espécie de loucura".

As duas narrativas descreviam, com humor, a "iniciação" do personagem, a qual legitimaria, a seus próprios olhos, suas futuras ações: no caso do Quixote, a sagração como cavaleiro, promovida por um vendeiro, confundido, pelo herói, com um nobre; no caso de Porfírio, sua cooptação pelo Partido Comunista, confundido, por ele, com

_

3 Todas as citações aqui apresentadas foram retiradas de Saavedra (1901), a mesma edição que Fernandes conhecia.

um tal Partido da Igreja Católica Renovada. Essa passagem - não confirmada por qualquer outro depoimento colhido - foi assim narrada por Fernandes:

O Geraldão [Geraldo Marques, membro do Partido Comunista, encarregado de cooptar para o partido José Porfírio, que já se destacava nos primeiros embates da região entre grileiros e posseiros] foi lá, ficou dois dias sentado na beira do rio com o Porfírio, lendo pra ele *A voz operária* [jornal oficial do Partido Comunista], discutindo o conteúdo, essa coisa toda. O Porfírio, coitado, que não entendia nada daquilo, nadinha de nada, achou que o Geraldão um sujeito ótimo, honesto, podia ajudar ele naquela enrascada de terras dele ... o Porfírio era muito religioso, achou que o Geraldão era de uma tal Igreja Cristã Renovada. O Porfírio achou aquilo muito bom, ele queria participar mais da luta das terras, mas não sabia se devia, se [rindo muito] Deus ia achar bom! Aí, através do Geraldão e do Partido da Igreja Cristã Renovada [morrendo de rir], ele viu que Deus concordava com aquilo, sim!

As duas narrativas contrapunham os ideais, nobres, espirituais e pouco adaptados à realidade, do herói, ao formidável senso comum e ao chamamento aos sentidos de seu inseparável companheiro de aventuras: o gordo Sancho Pança, no *Quixote* e, no relato de Fernandes, o mascate José Ribeiro, um membro do Partido Comunista destacado para atuar na região. Assim Fernandes explicou a relação entre Porfírio e Ribeiro:

O Ribeiro, que era um homem pacato, desses de fala mansa, que falava baixo... que gosta de resolver tudo na calma, mas resolve, sabe resolver... o Ribeiro foi o melhor companheiro que o Porfírio teve, o companheiro inseparável do Porfírio ... O Porfírio ficava lá com as idéias bonitas dele, aquela liderança toda junto da mulherada e coisa e tal, o Ribeiro trabalhava, trabalhava, fazia ata, reunião, coisa de horário, compra de arma, e tal. Porfírio, sem o Ribeiro, era enxada sem cabo.

Segundo outros depoimentos, José Ribeiro teve atuação importante na revolta, especialmente na organização dos posseiros, não tendo sido, entretanto, "o companheiro inseparável do Porfírio", como relatou Fernandes.

Ambas as narrativas utilizavam-se com freqüência do humor e dos recursos da farsa, assim como de subtítulos longos, para introduzir as subdivisões da ação. No livro, são exemplos disso capítulos intitulados, por exemplo: "Em que se relata a desgraçada aventura que enfrentou dom Quixote ao topar com uns desalmados iangüeses" (Capítulo XV); no relato de Fernandes, um bom exemplo é: "Vou contar pr'ocês as muitas aventuras do Zé Porfírio e seu companheiro Zé Ribeiro, nas matas do São Patrício, quando eles deu de cara com um inimigo desconhecido e malvado".

No relato de Fernandes, havia passagens diretamente retiradas do livro de Cervantes, adaptadas a Goiás e à Revolta do Formoso. É o caso do seguinte "Epitáfio" de Dulcinéia, em forma de verso no livro (Saavedra, 1901, p.312): "Descansa aqui Dulcinéia,/Que, sendo gorda e rosada,/ Em cinza e pó foi mudada/ Pela morte, horrenda e feia". No relato de Fernandes, o "Epitáfio", cuja autoria coletiva foi por ele atribuída aos membros da Associação dos Lavradores do Formoso e Trombas, fundada em 1954, aparecia assim: "Descansa aqui a polícia/Que, sendo gorda e rosada,/ Em cinza e pó foi mudada/ Pela morte, horrenda e feia".

Outro exemplo é o seguinte diálogo do livro (Saavedra, 1901, p. 198): "Sancho sacou de seu fardel um naco de pão e um pedaço de queijo, e, dando-os ao moço, lhe disse: - Toma, irmão André, a tua desgraça toca-nos a todos". No relato de Fernandes, o diálogo ocorria entre José Ribeiro e o jovem Cosmelino, posseiro recém-chegado ao Formoso: "Zé Ribeiro sacou de seu farnel um naco de pão e um pedaço de queijo, e, dando-os ao moço, lhe disse: - Toma, irmão Cosme, a tua desgraça toca-nos a todos". Um último exemplo é o do nome de "Rocinante", o cavalo de D. Quixote, segundo Fernandes também o nome do cavalo de José Porfírio (segundo outros informantes, Porfírio jamais possuíra cavalo).

As semelhanças encontradas entre os dois relatos não deixavam dúvida: Fernandes realmente inspirara-se no *Dom Quixote de La Mancha,* para compor seu depoimento. Ora, se não inventara seu relato, se não o compusera com base unicamente na própria imaginação, se não era apenas um grande mentiroso, um farsante, como, a princípio, eu pensara, como entender a entrevista? Como compreender as relações entre uma revolta de posseiros ocorrida no interior do Estado de Goiás, em meados do século XX, e uma novela erudita, publicada na Espanha, mais de 350 anos antes?

Antigas tradições

Para tentar responder à questão, dediquei-me à cuidadosa pesquisa, em fontes, orais e escritas, e em bibliografia; as principais conclusões a que cheguei estão condensadas a seguir.

Dom Quixote de La Mancha constituía o livro de cabeceira de Fernandes. Ele possuía o volume desde 1942, ano em que o herdara do avô que, por sua vez, o encomendara a um mascate, que o comprara no Rio de Janeiro.

Não apenas Fernandes, mas boa parte da população do município de Uruaçu, nascida antes de 1950, conhecia o *Quixote;* muitos lembraram-se de ter escutado a história, ou parte dela, contada por alguém mais velho. Se alfabetizado, o "contador de histórias", sentado sobre um banco, na calçada ou na praça, lia o livro para uma roda de atentos ouvintes, gente variada: crianças e adultos, homens e mulheres, lavradores, comerciantes, vaqueiros... Se analfabeto, o "contador" narrava o que sua memória guardara e selecionara do que ouvira da história original. Nos dois casos, a platéia participava ativamente, tecendo comentários, divertindo-se, indignando-se, emocionando-se e, o que era freqüente - e, para nosso estudo, particularmente significativo -, relacionando as passagens às próprias histórias de vida.[4]

–

4 Informações obtidas em entrevistas gravadas, em 1986, com moradores idosos de Uruaçu; segundo os informantes, o costume de ler o *Dom Quixote,* bem como o de narrar as histórias nele contidas, foi sendo abandonado de forma muito rápida a partir da década de 1950, sendo hoje praticamente inexistente. A leitura em grupo, descrita pelos informantes, assemelha-se muito à encontrada por Roger Chartier na Europa, no século XVI.

Não apenas Fernandes e os uruaçuenses de sua geração conheciam a história do *Quixote.* O livro e a história circulavam pelos povoados mais antigos de Goiás havia mais de duzentos anos, desde o século XVIII, quando a região recebera os primeiros contingentes brancos, em decorrência da descoberta de ouro. Correspondência do governador da Capitania, datada de 1774, referiu-se à encenação de uma ópera no povoado de Pilar, baseada na história do... Dom Quixote de La Mancha! Referências históricas esparsas, porém confiáveis, atestaram a permanência em Goiás da narrativa do *Quixote e,* provavelmente, também do livro, ao longo do século XLX. A tradição medieval ibérica (que Cervantes incorporara e retrabalhara em seu texto), introduzida durante o período colonial em território goiano, deve ter se fortalecido na região devido ao isolamento desta, ocorrido a partir do terceiro quartel do século XVIII, em conseqüência da derrocada da mineração. Ainda hoje, elementos dessa tradição, reinventados e atualizados pela população, estão presentes em Goiás; é o caso de várias das festas anuais do Divino Espírito Santo, que incluem as Cavalhadas, uma luta ritual entre cristãos e mouros, cuja origem provável remonta às investidas de Carlos Magno contra os árabes, ao norte da Península Ibérica, no ano 800.[5]

Cultura erudita (Dom *Quixote) e* cultura popular (tradições goianas) associaram- se, assim, influenciando-se mutuamente e promovendo uma circularidade de culturas, tal como definida por Bakhtin (1987). Associaram-se, também, escrita e oralidade: um texto escrito (o *Dom Quixote)* alimentou, durante séculos, uma tradição mista, escrita e oral, em Goiás. Parte dessa tradição foi-me transmitida depois, oralmente, por Fernandes, reaparecendo, agora, neste texto escrito!

Entrevistas realizadas posteriormente por mim, em áreas próximas - nos atuais municípios de Porangatu, Minaçu e Santa Terezinha, cujos habitantes não haviam vivenciado a Revolta do Formoso, mas nela haviam se inspirado para deflagrar movimentos de posseiros -, registraram versões sobre aquele movimento social muito semelhantes à apresentada por Fernandes: lá estavam as quadrinhas adaptadas do livro, os diálogos literais, as referências a personagens e episódios da obra.

Na região de Uruaçu já existia, portanto, uma forte tradição de origem ibérica, da qual o livro *Dom Quixote de Ia Mancha* fazia parte, expressando-a e reforçando-a; essa tradição era constantemente reelaborada pela população local, por meio de rituais e da memória coletiva. Foi a ela que Fernandes recorreu, para construir seu depoimento sobre a Revolta do Formoso. Longe, portanto, de ser um grande mentiroso, Fernandes verbalizara, em seu depoimento, eventos, imagens, símbolos, raciocínios

–

5 "[em Pilar] assistimos a uma ópera inspirada na novela de Miguel de Cervantes..." Museu das Bandeiras, Goiás, *Carta de D. Luiz da Cunha Menezes ao Rei.* 1778. Referências à permanência do *Quixote* estão em: ALENCASTRE, J. M. *P. áe. Anais da Província de Goiás.* Goiânia: Governo do Estado, Sudeco, 1979, p.114; *Matutina Meia-Potense,* n.312,27.3.1832; POHL, J. E. *Viagem ao interior do Brasil.* São Paulo, Belo Horizonte, Edusp, Itatiaia, 1976; ROSA, J. *Por esse Goiás afora...* Goiânia: Cultura Goiana, 1974; SAINT-HILAIRE, A. de. *Viagem às nascentes do rio São Francisco e pela Província de Goiás.* São Paulo: Nacional, 1937. Sobre Cavalhadas em Goiás: BRANDÃO, C. R. *Cavalhadas de Pirenópolis.* Goiânia: Oriente, 1974; JAYME, J. *Esboço histórico de Pirenópolis.* Goiânia: UFG, 1971.

e sentimentos profundamente enraizados na memória coletiva de sua região e grupo social de origem. Este, ao invés de promover o resgate histórico da revolta, construiu, em torno dela, uma narrativa original, mesclando acontecimentos verídicos, existentes no movimento, com tramas, nomenclaturas e simbologias de antigas tradições, assimiladas localmente.

Uma narrativa, muitas dimensões

Diversas dimensões e níveis de referência entrecruzaram-se, portanto, no relato de Fernandes: a) o livro *Dom Quixote de Ia Mancha,* conhecido por Fernandes e pela população de Uruaçu; b) a tradição cavaleiresca ibérica, transmigrada para o Brasil e reapropriada em Goiás, que Fernandes vivenciara em criança e inserira em sua narrativa; c) o episódio histórico da Revolta do Formoso, do qual Fernandes participara, e que constituía parte importante da sua memória individual e da memória coletiva de Uruaçu, à época da entrevista; d) outras recordações de Fernandes, baseadas em experiências de sua história de vida, que também integraram o depoimento; e) a imaginação de Fernandes, responsável pela inserção, na narrativa, de associações e fantasias pessoais; f) a memória coletiva sobre o Formoso, que mesclava, numa narrativa única, história, tradição, memória e imaginação histórica.

Como entender e analisar essas relações aparentemente tão diversas, contidas na narrativa de Fernandes?

História e memória

Encontrei algumas respostas à questão estudando as conexões entre história e memória. As principais conclusões do estudo estão resumidas a seguir.

Parece-me necessário, antes de tudo, distinguir entre o vivido e o recordado, entre experiência e memória, entre o que se passou e o que se recorda daquilo que se passou. Embora relacionadas entre si, vivência e memória possuem naturezas distintas, devendo, assim, ser conceituadas, analisadas e trabalhadas como categorias diferentes, dotadas de especificidade. O vivido remete à ação, a concretude, às experiências de um indivíduo ou grupo social. A prática constitui o substrato da memória; esta, por meio de mecanismos variados, seleciona e reelabora componentes da experiência. A Revolta do Formoso foi uma coisa; outra, diferente, foram as memórias que Fernandes construiu a respeito da revolta.

História e memória, entretanto, mantêm tantas relações entre si, que é até difícil pensá- las separadamente: "recordar é viver", como ensinava o antigo samba. A memória toma as experiências inteligíveis, conferindo-lhes significados. Ao trazer o passado até o presente, recria o passado, ao mesmo tempo em que o projeta no futuro; graças a essa capacidade da memória de transitar livremente entre os diversos tempos, é que o passado se torna verdadeiramente passado, e o futuro, futuro, isto é: dessa capacidade da memória brota a consciência que nós, humanos, temos do tempo. Esta, por sua vez, permite-nos compreender e combinar, de muitos modos, as fases em que dividimos o tempo, possibilitando-nos, por exemplo, perceber "o passado diante de nós". História e memória do Formoso são diferentes, mas interdependentes; memórias, como a de Fernandes, reelaboraram a história da revolta, relacionando-a a outros elementos e emprestando-lhe significados tão novos que, das lembranças, brotou uma outra história.

"É o sujeito que lembra", escreveu Halbwachs (1990). Memória e história conjugam- se também para conferir identidade a quem recorda. Cada ser humano pode ser identificado pelo conjunto de suas memórias; embora estas sejam sempre sociais, um determinado conjunto de memórias só pode pertencer a uma única pessoa. Somente a memória possui as faculdades de separar o eu dos outros, de recuperar acontecimentos, pessoas, tempos, relações e sentimentos, e de conferir-lhes significados; por isso, sua ausência, a amnésia, necessariamente conduz à perda de identidade. O conjunto de memórias de Fernandes, aí incluídas as lembranças do Formoso, foi profundamente influenciado, já se viu, pela sociedade e época em que ele viveu; são memórias sociais, embebidas de tradição e de história, semelhantes a memórias outras, de pessoas que viveram em épocas e áreas próximas. Entretanto, o conjunto das memórias de Fernandes - seus elementos, relações e significados - foi único, original, assim como o próprio Fernandes: nenhum informante possuía exatamente o mesmo físico, humor e imaginação.

Memórias dos outros e memórias do antes

Outra característica da memória, que a aproxima muito da história, é sua capacidade de associar vivências individuais e grupais com vivências não experimentadas diretamente pelos indivíduos ou grupos: são as vivências dos outros, das quais nos apropriamos, tornando-as nossas também, por meio de conversas, leituras, filmes, histórias, músicas, pinturas, fotografias... Nossas memórias são formadas de episódios e sensações que vivemos e que outros viveram. Em seu relato, Fernandes incorporou vivências da revolta experimentadas por ele e, também, vivências de outras pessoas, que chegaram ao seu conhecimento por diversos meios.

Às vezes, indivíduos e grupos apropriam-se de vivências antigas, anteriores, experimentadas não apenas por eles ou por seus contemporâneos, mas também por

antepassados, por gente que viveu antes deles, em outras épocas. Essa faculdade social da memória, a de recuperar e introjetar, nos indivíduos e grupos, vivências de outros tempos, sempre interessou aos cientistas sociais. Pollack (1989) a denominou "memória herdada"; Bourdieu (1989) contemplou-a no conceito de *habitus,* e Freud (1989), remontando a Platão, no de "bloco mágico"; Durkheim (1938) referiu-se assim a ela: "em cada um de nós, seguindo proporções variáveis, existe o homem de ontem; é este mesmo homem de ontem que, pela força das coisas, predomina em nós ... Apenas, esse homem do passado, nós não o sentimos, pois que é inveterado em nós: forma a parte inconsciente de nós mesmos".

No relato de Fernandes, a "memória herdada" das antigas gerações de Goiás pinçou para o presente da entrevista o "homem de ontem", o Quixote, transmutado das tradições ibéricas para as tradições goianas. Fernandes o fez com tal força e nitidez, que denunciou a presença de *habitus,* esquemas inconscientes de percepção, representação e ação tão incorporados à sua pessoa, que já faziam parte dele, inscritos em seu corpo, mente, fala, gestos, riso. Seguindo essa linha de interpretação, Fernandes não apenas não mentiu, em seu relato, como se mostrou profundamente verdadeiro, ao recorrer a códigos mentais, psicológicos e corporais inscritos no mais íntimo do seu ser.

Memória, história e narrativa

Finalmente, resta analisar um aspecto do depoimento de Fernandes: o fato de ter se constituído em uma narrativa. Ressaltarei, a seguir, apenas os ângulos da questão diretamente relacionados à análise até aqui desenvolvida.[6]

Toda narrativa apresenta uma versão, um ponto de vista, sobre algo. A narrativa de Fernandes constituiu uma versão, entre muitas, da Revolta do Formoso; até hoje ela disputa, com outras, espaços, audiências e adesões, em busca de legitimidade social e histórica. "Importa a versão, não o fato": o antigo ditado popular já chamava a atenção para a importância e autonomia das interpretações.

Toda narrativa articula alguns elementos, como: quem narra, o quê narra, por que narra, como narra, para quem narra, quando narra... As formas - quase infinitas -de articulação entre esses elementos resultam do uso de códigos culturais (linguagem, estilo, gênero literário etc.) à disposição dos autores, em determinada época, e, também, da contribuição individual oferecida por cada autor, ao escolher os códigos que utilizará em sua narrativa, e os modos como o fará. O uso desse espaço individual

–

6 Sobre narrativa e história, ver, entre outros: CERTEAU, M. de. *A escrita da História.* Rio de Janeiro: Forense, 1992; CHIAPPINI, L., AGUIAR, F. W. de. (Orgs.) *Literatura e História na América Latina.* São Paulo: Edusp, 1993; GAY, P. *O estilo na História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1990; PIZARRO, A. (Org.) *Palavra, Literatura, Cultura.* São Paulo, Campinas: Memorial, Unicamp, 1993; WHITE, HAYDEN. *Metahistória.* São Paulo: UNESP, 1991.

de criação varia, de autor para autor: alguns inventam códigos inteiramente novos; outros tendem a utilizar-se dos já existentes (Harlan, 1989). Toda narrativa, no entanto, possui uma dose, maior ou menor, de criação, invenção, fabulação, isto é: uma dose de ficção.

Isto acontece, inclusive, com as narrativas, como a de Fernandes, que se pretendem baseadas na memória. Esta, já se viu, cumpre papel criativo, não reflexivo, pois possui a faculdade de modificar o real, produzindo história, como já sabiam os antigos gregos: a musa Poesia é filha de Mnemosine, deusa da memória; o poeta, o mais criativo de todos os entes, é apenas um ser possuído pela memória. Memória e imaginação não se opõem, como quer o senso comum; antes completam-se, pois possuem a mesma origem, natureza, poderes. Em sua narrativa, Fernandes combinou, de forma original, memória e imaginação, tradição e invenção, história e ficção, recriando experiências e lembranças.

Por todas as características apresentadas, a memória, em especial quando organizada em narrativa, possui uma dimensão simbólica, que a leva rapidamente a desprender-se, a descolar-se do concreto, para alçar vôos próprios. Todos os seres vivos conhecem essa dimensão simbólica da memória, que a literatura sabe tão bem apreender: um simples sabor - como o da *Madeleine,* de Marcel Proust (1951) - é capaz de despertar as mais longínquas lembranças; uma música recorda o amor perdido, o mais querido; um detalhe remete a uma história, que remete a outra, que remete a mitos, a tempos imemoriais ... e depois retorna até nós, no presente. O simbólico expõe as relações entre as diversas culturas, espaços e grupos sociais pelos quais a narrativa transita; é justamente ele que permite à narrativa, sem perder o fio condutor, libertar-se das amarras do real para aventurar-se, em liberdade, pelos caminhos do imaginário.

O caráter simbólico marca profundamente a narrativa de Fernandes. Marca os vários tempos que ela contém, assim como as relações entre eles: os tempos da história de vida de Fernandes, o tempo da Revolta do Formoso, o da entrevista, o da criação do *Dom Quixote,* o da colônia e do império brasileiros, o da Espanha medieval, o de antigas tradições, velhas de muitos séculos... A dimensão simbólica unificou, na narrativa de Fernandes, história, memória e imaginação histórica, dotando-a de um eixo condutor e de uma lógica. Não a lógica histórica tradicional, colada aos eventos, mas a lógica simbólica.

História, memória e fontes orais

Penso que entrevistas podem e devem ser utilizadas por historiadores como fontes de informação. Tratadas como qualquer documento histórico, submetidas a contraprovas e análises, fornecem pistas e informações preciosas, muitas inéditas, impossíveis de serem obtidas de outro modo. Pesquisas baseadas em fontes orais,

publicadas nos últimos anos, têm demonstrado a importância das fontes orais para a reconstituição de acontecimentos do passado recente.

Inerente às entrevistas, existe, entretanto, uma dimensão simbólica, que os historiadores têm a obrigação de conhecer e estudar, pois faz parte da história. Mediadas pela memória, muitas entrevistas transmitem e reelaboram vivências individuais e coletivas dos informantes com práticas sociais de outras épocas e grupos. A dimensão simbólica das entrevistas não lança luz diretamente sobre os fatos, mas permite aos historiadores rastrear as trajetórias inconscientes das lembranças e associações de lembranças; permite, portanto, compreender os diversos significados que indivíduos e grupos sociais conferem às experiências que têm. Negligenciar essa dimensão é revelar-se ingênuo ou positivista. Ignorála, como querem as concepções tradicionais da história, relegando a plano secundário as relações entre memória e vivência, entre tempos, entre indivíduos e grupos sociais e entre culturas, é o mesmo que reduzir a história a uma sucessão de eventos dispostos no tempo, seccionando-a em unidades estanques e externas; é o mesmo que imobilizar o passado nas cadeias do concreto, do "real", em que, supostamente, residiria sua "verdadeira natureza", que caberia aos historiadores "resgatar" para a posteridade.

Neste artigo, apliquei ao caso limite da entrevista de Fernandes concepções de história que relacionam a vivência e as memórias de um ser humano com o tempo em que viveu, com os tempos anteriores a ele e com o futuro; concepções que associam, em vários níveis e de vários modos, real e simbólico, história e memória, memória e imaginação, tradição e invenção, ficção e história.

De acordo com a concepção tradicional, a entrevista de Fernandes não serve para nada; seu destino é a lata de lixo, ou o fundo de gaveta, onde, por tantos anos, a deixei. De acordo com a segunda concepção, é possível compreender e oferecer uma resposta para o enigma de como o Cavaleiro da Triste Figura, montado em seu cavalo Rocinante, atravessou oceanos para lutar contra moinhos de vento nos longínquos sertões de Goiás, na década de 1950, durante uma revolta de posseiros, e hoje, nesse final de milênio, espantosamente reaparece nas páginas desta revista de história.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento.* São Paulo: Hucitec, 1987. BERGSON, H. Matière et mémoire. In:

. *Oeuvres.* Paris: PUF, 1959. p. 161-382. BOURDIEU, P. *O poder simbólico.* Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, R. *A Ordem dos livros:* leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília: UnB, 1994.

_____ As práticas da leitura. In: ARIES, P., CHARTIER, R. *História da vida privada.* São Paulo: Companhia das Letras,

1991. v.3, p.113-67.

DURKHEIM, E. *L'Évolution pédagogique enFrance.* Paris: Alcan, 1938.

FREUD, S. *Ensaios de Psicanálise e Semiótica.* São Paulo: Escuta, 1989. HALBWACHS, M. *A memória coletiva.* São Paulo: Vértice, 1990.

HARLAN, D. Intellectual history and the return of literature. *American Histórica! Review* v.94, n.3, p.581-609, June 1989.

_____ Reply to David Hollinger. *American Historical Review (Washington),* v.94, n.3, p.622-6, June 1989.

HOLLINGER, D. A. The return of the prodigal: the persistence of historical knowing. *American Historical Review (Washington),* v.94, n.3, p.610-21, June 1993.

LE GOFF, J. *História e memória.* 2.ed. Campinas: Unicamp, 1992.

POLLACK, M. Memória, esquecimento e silêncio. *Estudos Históricos,* v.2, n.3, p.3-15,1989.